

Dá-me tua mão, levanta-me do chão...

Instalação composta por mãos de gesso e cimento.

Antes de delimitar a instalação dentro de um conceito fechado, não aberto a possíveis interpretações de quem com ela interage. É necessário compreender que muito da produção contemporânea de Arte é provocativa visando levar o público a questionar sobre valores, conceitos da Arte e da vida. A historiadora de Arte Claire Bishop (2005)² preconiza que as instalações de arte possuem como característica serem *imersivas*, *experienciais* e *dialógicas* na relação com seus vivenciadores.

O caráter experimental evoca a condição de oferecer a cada fruidor vivenciar o momento proposto pelas cores, formas, odores, sensações táteis e ou auditivas de uma instalação de Arte. O caráter imersivo permite uma condição de fusão, ou seja, diferente de uma pintura ou escultura em que se é apenas espectador, a instalação permite que o apreciador se torne parte da obra ao passear dentro dela, como também, co-criador ao interferir nos objetos ou nos espaço proposto. Por fim, o caráter dialógico se manifesta na relação de incitação a conversa, ao pensamento: o que a obra ou o artista me fala?

O que estas mãos que brotam da terra querem me comunicar? Por que mãos, não poderiam ser pés? As cores? As formas? Os gestuais de cada mão? O título evoca um pedido de socorro? Socorro de quem? Da terra? Do homem? Do homem em guerra? Do Homem na Guerra? Da guerra do homem com a Terra? Ou do homem contra o homem? Quem pede para ser levantado? Por que pede para ser levantado?

O objetivo de muitas obras contemporâneas não é ofertar meramente respostas ou ditatorialmente regrar visões, mas, incitar a reflexão, a autoanálise, o pensamento crítico, a dúvida, promover o debate.

Dá-me tua mão?

² BISHOP, Claire. **Installation art: a critical history**. New York: Routledge, 2005.